

PONTO DE INTERESSE GEOLÓGICO: PARQUE PALEONTOLÓGICO DE SÃO JOSÉ DE ITABORAÍ

EXTRAÇÃO MINERAL: CALCÁRIO DE ITABORAÍ

Desde 1928, a Bacia Sedimentar de São José de Itaboraí foi objeto de exploração mineral. Durante a lavra da jazida, foram descobertos fósseis e, posteriormente, evidências de ocupação humana muito antiga na região.

Em 1984, a mineração foi paralisada, deixando uma cava com cerca de 70 metros de profundidade. Aos poucos, a água subterrânea e a água da chuva foram preenchendo a área de extração, formando um lago artificial no local. Atualmente, a água desse lago abastece a população da região, através de cooperativa local, a Cooperágua.

A Prefeitura Municipal de Itaboraí declarou essa área como de utilidade pública, através de processo de desapropriação, em 02 de abril de 1990.

Em 12 de dezembro de 1995, foi criado o Parque Paleontológico de São José de Itaboraí, conforme Lei Municipal nº 1.346/95.



Fotos da Bacia Calcária de São José de Itaboraí.
Foto da esquerda - antiga extração mineral. Foto da direita - lago atual.

Durante cerca de 50 anos, a Companhia Nacional de Cimento Portland - CNCP explorou o calcário da Bacia de São José de Itaboraí, produzindo cimento. O estádio do Maracanã e a Ponte Rio - Niterói foram construídos com o cimento produzido a partir do calcário da jazida de São José de Itaboraí.

A história do desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro e, mesmo, do país, não pode ser contada sem a contribuição de São José de Itaboraí. A existência desta jazida propiciou a inauguração da segunda fábrica de cimento do país em nosso Estado. Também, inovou em tecnologia: de sua fábrica saiu o primeiro saco de cimento em papel do Brasil. Até então, todo o cimento era embalado em tonéis de madeira.



Fotos do evento de lançamento do primeiro saco de cimento em papel do Brasil, que contou com a presença do então Presidente da República Getúlio Vargas.

COMO FOI FORMADA A BACIA SEDIMENTAR DE SÃO JOSÉ DE ITABORAÍ

Uma bacia sedimentar é uma depressão onde sedimentos, produzidos pela alteração e erosão das rochas ou por processos de precipitação química, se acumulam.

No caso de São José de Itaboraí, os sedimentos são principalmente de origem química, hoje em dia representados por rochas calcárias, depositados na bacia, cuja formação está relacionada aos fenômenos de soerguimento da Serra do Mar.

O desnível entre a Serra do Mar e a baixada de Itaboraí pode atingir mais de 2.000 metros. A origem desse relevo está relacionado com esforços tectônicos (movimentos que têm origem no interior da Terra e modificam a crosta terrestre, camada mais externa do planeta), iniciados há muito tempo, que provocou a elevação de um lado do continente, gerando rompimento e conseqüente rebaixamento das áreas vizinhas. A parte alta corresponde às Serras do Mar e da Mantiqueira e aos Maciços Litorâneos. Nas partes baixas foram formadas pequenas bacias sedimentares, como a de São José de Itaboraí, cuja idade geológica é de aproximadamente 65 milhões de anos.

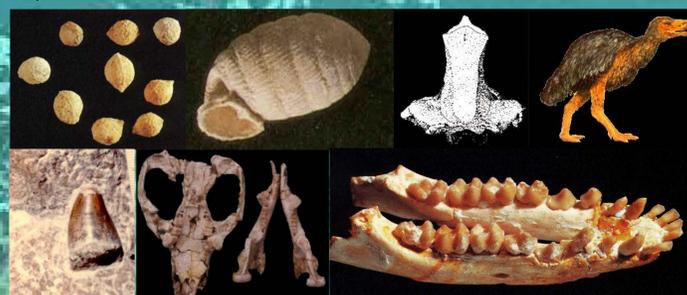
A bacia de São José de Itaboraí é uma das menores bacias sedimentares do mundo. Ela tem forma aproximadamente elíptica e cerca de 1.000 metros de comprimento por 500 m de largura. Apesar das reduzidas dimensões, possui características extremamente importantes, chamando a atenção dos pesquisadores por sua riqueza fossilífera. Também se destaca como um dos importantes sítios arqueológicos do Brasil.

SÃO JOSÉ DE ITABORAÍ: O BERÇO DOS MAMÍFEROS

Paleontologia é a ciência que estuda os fósseis, ou seja, restos de animais ou vegetais que já viveram na Terra e foram preservados nas rochas.

A Bacia de Itaboraí é o mais antigo registro brasileiro da fauna e flora fóssil de origem continental que se desenvolveu há aproximadamente 60 milhões de anos, após a extinção dos dinossauros.

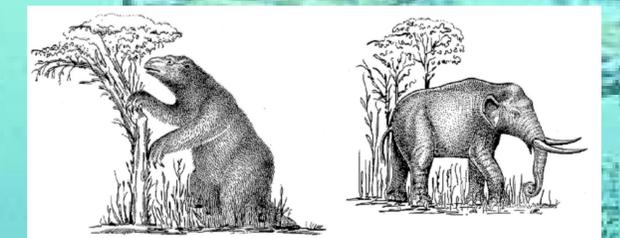
A bacia é ricamente fossilífera, tendo sido coletados milhares de fósseis de animais (gastropodes, mamíferos, aves, répteis e anfíbios) e vegetais. Os gastrópodes e os mamíferos são os fósseis mais abundantes. Os primeiros são comus no calcário argiloso cinzento que formava o assoalho da bacia, enquanto os mamíferos são predominantes nos sedimentos que preenchiam as fendas que cortavam verticalmente os calcários. Restos de preguiça gigante, mastodonte e tartaruga (mais novos) foram encontrados em pequeno depósito de cascalho ao sul da bacia.



Da esquerda para a direita e do alto para baixo - Fósseis da bacia: sementes, gastrópode, fragmento de crânio de ra, ave, dente de crocodilo, crânio e mandíbula de marsupial e mandíbula do ancestral de uma forma similar ao cavalo.



Rochas da bacia.
Foto ao alto - calcário pisolítico.
Foto abaixo - lava de ankaramito.



Preguiça gigante e mastodonte que teriam convivido com o homem em Itaboraí

ARQUEOLOGIA: O HOMEM PRIMITIVO DE ITABORAÍ

Registros paleontológicos revelam que diferentes espécies de animais e vegetais viveram nesse local nos últimos 60 milhões de anos. A ocupação humana, estudada pela Arqueologia, também é antiga e deixou seus registros na bacia.

Foram encontrados artefatos, isto é, instrumentos confeccionados pelo homem primitivo. Assim, sabemos que o homem pré-histórico habitou a parte mais alta do local que hoje em dia é denominado "Morro da Dinamite".

A única datação para o sítio arqueológico de Itaboraí, feita através do método absoluto do Carbono 14 a partir de carvão vegetal (antiga fogueira), revelou uma idade mínima de 8.100 anos antes do presente para uma das camadas mais recentes.



Raspadores maciços e espessos, Perfurador, Buris, Faca, Raspadores
Artefatos do homem primitivo de Itaboraí.

"A Terra levou alguns bilhões de anos para construir as rochas, os minerais, as montanhas e os oceanos. Proteja esta obra-prima!"

Arqueologia: Maria da Conceição Beltrão e Rhoneds Perez (Museu Nacional - UFRJ) - Desenhos: Célio César e Luiz Antonio Alves Costa
Arqueologia Industrial: Benedito Humberto Francisco e Francisco Octavio da Silva Bezerra (Museu Nacional - UFRJ) e José Mauricio M. Canine (DRM-RJ - in memoriam)
Geologia: Benedito Humberto Francisco (Museu Nacional - UFRJ)
Paleontologia: Lilian Paglarelli Bergqvist (Depto. Geologia/UFRJ). Colaboradores: Adriana Moreira, Carla Abranches, Edimilson Almeida, Érika Abrantes, Leonardo Avilla, Viviane Martins (Laboratório de Macrofósseis/UFRJ)
Coordenação: Kátia Mansur, Vitor Nascimento e Flavio Erthal (DRM-RJ) - Contato: (0xx21) 2717-3241 - www.caminhosgeologicos.rj.gov.br